

A CLASSE MÉDIA DE GRAMÁTICA NOS COLÉGIOS DA COMPANHIA DE JESUS: UMA ANÁLISE DO PENSAMENTO LINGUÍSTICO JESUÍTICO

Janaina Fernanda de Oliveira Lopes (UFF)
janainal@id.uff.br

RESUMO

Dividido em três classes de estudos (inferior, média e superior), o ensino gramatical nos colégios jesuíticos se alicerçava no Humanismo Renascentista. A descrição do método de ensino jesuítico está exposta na *Ratio Studiorum* (1599), documento que buscava unificar as dinâmicas nos colégios da Companhia de Jesus abertos ao redor do mundo. A partir desse documento, este trabalho visa a discorrer acerca da classe média de gramática, cujo objetivo era apresentar ao aluno a sintaxe latina. Para tanto, faremos uso do aporte teórico-metodológico da Historiografia Linguística, por meio dos princípios e métodos postulados por Konrad Koerner (2014) e Pierre Swiggers (2013).

Palavras-chave:

Gramática. *Ratio Studiorum*. Historiografia Linguística.

ABSTRACT

Divided into three classes of studies (lower, middle, and upper), grammatical teaching in Jesuit schools was based on Renaissance Humanism. The description of the Jesuit teaching method is exposed in the *Ratio Studiorum* (1599), a document that aimed to unify the dynamics in the Society of Jesus's schools opened around the world. From this document, this work aims to discuss the middle class of grammar, whose objective was to introduce the student to latin syntax. For this, we will make use of the theoretical and methodological contribution of Linguistic Historiography by the principles and methods postulated by Konrad Koerner (2014) and Pierre Swiggers (2013).

Keywords:

Grammar. *Ratio Studiorum*. Linguistic Historiography

1. *Considerações iniciais*

Para refletirmos acerca do pensamento gramatical na classe média de gramática, faz-se necessário retomar a formação da Companhia de Jesus, ainda que de forma sucinta. A Companhia de Jesus teve sua ori-

gem em 1534¹. O fundador da Ordem, Inácio de Loyola, estudou em Salamanca e no colégio de Santa Bárbara, em Paris (LEITE, 1938). Estas instituições escolares vivenciaram o ensino humanista, sendo a última dirigida pelo mestre português Diogo de Gouveia, preconizador do humanismo renascentista cristão.

Com vistas a formar pessoas que levassem a fé católica para os mais diversos lugares, a Companhia de Jesus fundou colégios em diversas partes da Europa. A crescente busca por essas instituições escolares urgiu à necessidade de um documento que organizasse as práticas educacionais, fato que culminou na elaboração da *Ratio Studiorum* (1599).

Ao elaborar as normas da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola deixou indicações para a criação de um documento que norteasse as ações nos colégios jesuíticos. Na IV parte das *Constituições*, o jesuíta demonstra a sua preocupação em unir a fé e o conhecimento para uma verdadeira prática religiosa.

[307] 1. O fim que a Companhia tem diretamente em vista é ajudar as almas próprias e as do próximo a atingir o fim último para o qual foram criadas. Este fim exige uma vida exemplar, doutrina necessária, e maneira de a apresentar. Portanto, [...] devem-se procurar os graus de instrução e o modo de utilizá-la para ajudar a melhor conhecer e servir a Deus nosso Criador e Senhor.

Para isto a Companhia funda colégios e algumas Universidades, onde os que deram boa conta de si nas casas e foram recebidos [...] possam instruir-se [...] (CONSTITUIÇÕES, 2004, p. 115).

A missão jesuítica, portanto, baseava-se na instrução, cujo objetivo era fazer com que, por meio do conhecimento, o homem chegasse a Deus.

Postas essas considerações, discutiremos a respeito dos procedimentos teóricos que permeiam a análise deste trabalho, a saber, a Historiografia Linguística.

2. *Historiografia Linguística*

A Historiografia Linguística – doravante HL – é uma disciplina que ganhou escopo na década de 1970, sendo, desse modo, um campo de

¹ Apesar da fundação da Companhia de Jesus ter sido em 1534, somente em 1540 ela foi estabelecida como Ordem, por meio da bula *Regimini Militantis Ecclesiae* (LEITE, 1938).

pesquisa ainda em ascensão. Por causa disso, faz-se necessário nos termos sobre seus métodos, a fim de familiarizarmos os leitores que desconhecem esse campo de pesquisa. A HL é “o estudo do desenvolvimento das ideias e das práticas linguísticas” (SWIGGERS, 2013, p. 41), o que nos permite fazer a análise do texto dentro do seu contexto.

Devido ao seu caráter interdisciplinar, a HL permite que a análise seja feita levando em conta não somente fatores intralinguísticos, mas também extralinguísticos. Nesse sentido, todos os documentos que estão no entorno do material analisado ganham notoriedade e passam a figurar como elementos que cooperam para o entendimento da formulação do objeto de análise e seu estabelecimento. Assim, neste artigo, busca-se debruçar tanto sobre a obra quanto no seu contexto de produção.

Segundo Swiggers (2010), a análise historiográfica pode-se dar no campo da epi-historiografia – análise de contexto por meio de “agentes” e materiais produzidos por eles – e da meta-historiografia – textos que abarcam o pensamento linguístico. Salienta o autor que o resultado da análise epi-historiográfica serve de “apoio e reforço à pesquisa meta-historiográfica” (SWIGGERS, 2010, p. 5).

Ainda de acordo com Swiggers (2013), a metodologia da HL pode se dar em três fases:

- I. Fase heurística, que consiste no levantamento do “corpus”, checagem das fontes, leitura e anotação de terminologias;
- II. Fase hermenêutica, que busca a reflexão e interpretação dos sentidos;
- III. Fase executiva, que se propõe a redigir o discurso historiográfico.

Após o levantamento e leitura dos materiais selecionados, intenta-se comparar o pensamento linguístico da obra com as demais analisadas e, a partir disso, construir o discurso historiográfico, resgatando possíveis pensamentos acerca do ensino gramatical.

Koerner (2014), outro grande nome da pesquisa e métodos historiográficos, também apresenta princípios para a análise historiográfica. Segundo o autor, o historiógrafo pode se valer de três princípios, a saber: contextualização, imanência de adequação teórica.

Na contextualização, faz-se o levantamento do “clima intelectual” do momento em que o documento de análise foi produzido. Esse princí-

pio coloca o objeto dentro de um contexto mais amplo, inserindo a obra no plano político e sociocultural da época.

Na imanência, observam-se os fenômenos linguísticos que foram colocados na obra, estes em contato com os demais conhecimentos linguísticos que figuravam no período. Deve-se também evitar os anacronismos. Para tanto, o historiógrafo faz uso das próprias terminologias da obra analisada.

Na adequação teórica, usam-se os resultados dos princípios anteriores para “introduzir aproximações modernas do vocabulário técnico e do quadro conceptual apresentado na obra em questão” (KOERNER, 2014).

Assim, tanto Swiggers como Koerner apresentam métodos e princípios para a análise historiográfica que permitem o trabalho com textos, significando-os dentro de seu próprio contexto de produção e dando condições para sua leitura na atualidade.

3. *Ratio Studiorum* (1599)

A *Ratioatque Institutio Studiorum Iesu*, mais conhecida como *Ratio Studiorum*, foi o documento utilizado pela Companhia de Jesus com o objetivo de unificar as práticas educacionais ocorridas nos colégios jesuítos. Ela é constituída por uma compilação de regras e indica tanto os materiais que deveriam ser utilizados nas aulas, o currículo a ser seguido quanto o modo como o ensino deveria ser ministrado.

A sua elaboração se deu em um processo que durou 51 anos, cujo projeto consistiu em análise e prática. Antes de ter sua edição em 1599, a *Ratio Studiorum* foi esboçada e colocada em execução. Desse modo, esse documento visou a mitigar as possíveis dificuldades de aplicação de suas orientações.

A *Ratio Studiorum* surgiu no contexto de reforma católica e com os ares das consequências de um projeto anterior à criação dos colégios jesuítos, o processo de reforma das instituições escolares portuguesas, que objetivavam promover o ensino humanista.

Ao contrário do ocorrido na Itália, Portugal apregoou um ensino humanista vinculado ao religioso, em que “o horizonte em vista era o da aliança (não o do divórcio) entre o saber sagrado e o saber profano” (MIRANDA, 2010, p. 247). Assim, a religiosidade trazida pela Compa-

nhia de Jesus, por meio dos seus colégios, encontrou um ambiente favorável, por meio da união das novas prerrogativas portuguesas – o humanismo – e a necessidade de resgate do público católico.

O *Ratio Studiorum* combinava os estudos humanísticos com os estudos científicos, uma vez que o objetivo era formar homens que soubessem pensar e escrever, pois a formação ideal é a que possibilita o desenvolvimento das capacidades para o exercício da virtude. (SILVATOYSHIMA; MONTAGNOLI, COSTA, 2012, p. 3)

Outro aspecto a ser considerado, no contexto de formação da *Ratio Studiorum*, é o período conhecido como Grandes Navegações. A Coroa portuguesa objetivava a expansão do território português, o que demandaria investimento em recursos humanos, assim, os colégios serviriam como meio de propagação do catolicismo e aumento de “súditos da Coroa” (HANSEN, 2010, p. 15).

Conforme já mencionado, a *Ratio Studiorum* foi elaborada de modo a organizar o dia a dia nos colégios. Essa sistematização, de acordo com o fundador da Companhia de Jesus, deveria seguir o *modus parisiensis*, um modelo já conhecido nos colégios ibéricos.

Ocorre que já existia, desde os fins do século 14 nos Países Baixos e na Alemanha, certa variedade de escolas ao redor das Fraternidades dos Irmãos de Vida Comum, fundadas por Gerard Groot (1340-1384). Os elementos característicos nas escolas destes irmãos eram a divisão dos estudantes por classes, cada uma com um mestre e um programa preciso, ordenado e progressivo. Empregavam, também, o *Quadrivium*-aritmética, música, geometria e astronomia -, sendo que cada matéria tinha um professor especializado e elas eram coordenadas com outras disciplinas ensinadas na mesma escola. Além disso, utilizavam a Bíblia para a formação dos jovens no ideal devida cristã para o qual todas as ciências e letras deveriam estar direcionadas. Outros elementos típicos de sua pedagogia eram a adoção do sistema de decúrias, o exame de passagem para o nível de estudos literários, o cultivo da língua vernácula, os emolumentos para os melhores estudantes, o teatro escolar, as punições e as disputas. (STORCK, 2016 *apud* O'MALLEY, 2004; O'NEILL; DOMÍNGUES, 2001)

Portanto, a Companhia de Jesus vai dar seguimento a um modelo já existente, fazendo, contudo, as adaptações pertinentes ao momento de elaboração da *Ratio Studiorum* como a inserção da corrente humanística.

3.1. A gramática latina do padre Manuel Álvares

De modo a sistematizar o ensino nos colégios em todos os seus aspectos, a Companhia de Jesus adotou em suas instituições escolares uma gramática para o ensino de língua latina. Esse material foi elaborado especificamente para os colégios jesuíticos. Essa gramática trata-se da *De Institutione Grammatica Libri Tres* (1572), do madeirense Manuel Álvares.

Esse compêndio gramatical se divide em três partes, a saber: livro I, livro II e livro III, que correspondem, respectivamente, ao que temos na atualidade como: morfologia, sintaxe e prosódia. De um modo geral, os três livros abarcam as divisões das classes de gramática. Neste trabalho, o objetivo é discorrer acerca da classe média, ou seja, o ensino da sintaxe.

Faz-se necessário, ainda, mencionar alguns aspectos da gramática alvaresiana, afinal, ela era o cerne dos estudos da língua latina, que, apesar de não ser a língua do cotidiano, era a língua de cultura.

Manuel Álvares compôs uma gramática que uniu o *usus* e o *ratio*, ou seja, o autor se preocupou tanto com a descrição linguística quanto com o aspecto pedagógico.

[...] a gramática do séc. XVI, ainda e por excelência a ‘gramática latina’, estabelece um compromisso e faz com que a síntese entre o **usus** e a **ratio**, critérios necessários para sustentar cientificamente toda a doutrina gramatical. Estes critérios são a tentativa, julgo que bem conseguida, de estabelecer um equilíbrio entre a teoria especulativa dos modistas e o labor filológico dos gramáticos do séc. XV. [...] (CARDOSO, 1995, p. 160)

Por causa do seu valor pedagógico, o que culminou na sua adoção em todos os colégios da Companhia, a gramática do jesuíta Manuel Álvares se tornou uma gramática global, possuindo mais de quinhentas edições (Cf. MIRANDA, 1995).

4. Classe média de gramática

O objetivo dessa classe, conforme estabelece a *Ratio Studiorum*:

o conhecimento ainda que imperfeito de toda a gramática; por isto nela se explica do princípio do livro segundo até a construção figurada, com os apêndices mais fáceis, ou, segundo o método romano, da construção comum à construção figurada das palavras, com os apêndices mais fáceis. (FRANCA, 2019, p. 162)

Vemos, portanto, a importância da gramática de Manuel Álvares no ensino da língua latina, pois a *Ratio* determina que, nessa classe, os alunos deveriam ter o conhecimento de toda a gramática, ainda que de forma “imperfeita”. Buscava-se que o aluno tivesse consciência do todo da gramática. Como já mencionado, o segundo livro da gramática alvaresiana se ocupava do estudo da sintaxe da língua latina. É importante mencionar que a *Ratio* estabelece que o curso de gramática média deveria durar um ano, no entanto, caso fosse necessário, o aluno poderia cursar mais um ano.

Enquanto que a respeito da língua latina o aluno deveria conhecer toda a gramática, para a língua grega, o aluno deveria conhecer “os nomes contractos, os verbos circumflexos, os verbos em *μe* as formações mais fáceis” (FRANCA, 2019, p. 162). O ensino do grego era, portanto, introdutório ainda, se comparado ao do latim. Como dito anteriormente, a gramática utilizada para o ensino do latim era o material elaborado pelo humanista Manuel Álvares, para o grego, a *Ratio* não especifica um material, porém, como aponta Almeida Navarro (2000),

[...] a edição lisboeta de 1595 da gramática grega de Clenardo (e a primeira que se conhece de prelos portugueses) foi mandada compor para uso da Companhia de Jesus, cujo monograma aparece estampado no frontispício da obra. O grego que se aprendia no âmbito da Companhia de Jesus era o com a gramáticas de Clenardo, como anteriormente já se viu, e isso até o século dezoito, quando a gramática de Port Royal assumiria a primazia no ensino da língua helênica naquele país. (NAVARRO, 2000, p. 389)

A respeito da gramática de Clenardo, Navarro (2000, p. 387) menciona que o gramático recomenda que o ensino de línguas clássicas seja feito “como se elas fossem línguas vivas”, ou seja, sem “memorização forçada de regras gramaticais”, preconizando, assim, uma aprendizagem prática.

A *Ratio* indica também os autores que deveriam ser utilizados nas aulas. Para as preleções, deveriam ser usadas as epístolas de Cícero, poesias de Ovídio e a tábula de Cebes. Havia, então, ensino de sintaxe e de literatura. O quadro abaixo sintetiza as orientações da *Ratio* para o ensino na classe média de gramática. A partir dele, teceremos os comentários pertinentes ao pensamento gramatical constante na *Ratio Studiorum* (1599).

Quadro 1: Classe Média de gramática: divisão de atividades durante a semana.

Segunda a sexta	
MANHÃ	
1ª hora	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Recitação de cor, aos decuriões, de Cícero e da gramática. ✓ Correção dos exercícios pelo professor. ✓ Exercícios mencionados na regra 4.
2ª hora	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Repetição breve da preleção de Cícero. ✓ Explicação da nova preleção de Cícero. ✓ Ditado do tema.
30 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Explicação ou repetição de algum ponto da gramática do Livro I. ✓ Desafio.
TARDE	
1ª hora	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Recitação de cor da gramática latina e da grega. ✓ Em dias específicos, recitação de algum poeta. ✓ Revisão pelo professor dos exercícios feitos pela manhã e/ou trazidos de casa. ✓ Repetição de gramática. ✓ Em dias alternados, repetição da última preleção de poeta.
2ª hora	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 30 minutos: explicação e repetição da sintaxe, alternando a explicação com algum poeta. ✓ 30 minutos: ensino do grego.
30 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Desafio ou exercício.

Fonte: LOPES, 2020, p. 87.

As aulas nos colégios jesuíticos ocorriam de segunda a sábado e eram divididas do seguinte modo: duas horas e meia pela manhã e duas horas e meia pela tarde. Durante a manhã, os alunos deveriam recitar o texto literário e a gramática. Esse exercício buscava que o aprendiz assimilasse o modo de dizer do autor consagrado, exemplo do “bem dizer”, no caso, Cícero. Enquanto os alunos faziam isso, o professor faria a correção dos exercícios enviados para casa². Após essa parte, os alunos realizariam os exercícios mencionados na regra de número 4, que consistiam em: traduzir da língua vernácula para a língua latina algum ditado, traduzir para a língua vernácula do aluno algum fragmento da obra de Cícero e depois traduzi-lo para o latim novamente, escrever na língua grega etc. Estes exercícios configuram, assim, o trabalho de produção textual.

² Os colégios jesuíticos objetivavam o internato, mas, devido ao grande número de alunos, havia a possibilidade de externato também.

Na segunda hora da manhã, os alunos deveriam repetir a explicação a respeito do texto de Cícero e teriam conhecimento do novo texto. Nesse momento, o professor deveria indagar aos alunos a respeito do conteúdo passado, era, portanto, um processo dialético. A preleção consistia na leitura do texto na língua do autor, depois era feita a interpretação em língua vernácula. Em seguida, era feita a tradução palavra por palavra, só então era feita a análise sintática do fragmento. Desse modo, o ensino da sintaxe estava atrelado à literatura. O ensino gramatical partia do texto literário. O ditado do tema era o momento em que o aluno poderia fazer o exercício de transmutação da fala para a escrita. Por ser uma classe intermediária, o ditado do tema não deveria ultrapassar as sete linhas.

Para terminar a aula da manhã, o aluno era levado a rememorar o conteúdo do livro I da gramática de Álvares e era incentivado a participar dos desafios, que consistiam em: trabalhar algum ponto em que o aluno tenha errado no exercício escrito, sobre conteúdos dados pelo professor nas horas anteriores, repetir frases dadas pelo professor no dia e ainda sobre o processo de tradução da língua latina para a vernacular e vice-versa.

No período da tarde, os alunos deveriam, novamente, fazer a recitação da gramática latina e da grega, demonstrando, assim, a dificuldade de aquisição de uma segunda língua e que a consciência metalinguística se dava pelo processo de repetição. Com vistas a fornecer uma educação que abarcasse não somente o domínio da leitura e da escrita, mas também a oralidade, assim, o aluno era levado a recitar textos literários.

Na segunda hora da tarde, havia um tempo maior para a aprendizagem do grego e este deveria ser trabalhado da mesma maneira que o latim.

Os últimos trinta minutos eram reservados para os desafios ou exercícios. Essa era uma forma de associar o ensino à forma lúdica, facilitando, dessa forma, a aprendizagem.

Segue, abaixo, um quadro que sintetiza as dinâmicas nos dias de sábado.

Quadro 2: Classe Média de gramática: divisão de atividades no dia de sábado.

Sábado	
MANHÃ	
1ª hora	✓ Recitação pública de todas as preleções da semana ou de todo o livro.

2ª hora	✓ Repetição
30 minutos	✓ Desafio.
TARDE	
1ª hora	✓ Recitação pública de todas as preleções da semana ou de todo o livro. ✓ Catecismo.
2ª hora	✓ Repetição.
30 minutos	✓ Catecismo ou exortação espiritual*
*Caso a exortação espiritual tenha sido feita na sexta-feira, o conteúdo da sexta-feira era para ser posto neste horário.	

Fonte: LOPES, 2020, p. 87-8.

Aos sábados ocorriam as sabatinas. Os alunos deveriam fazer apresentações públicas a respeito do que haviam aprendido durante a semana ou algum ponto da gramática em geral. Os desafios também ocorriam aos sábados e eles propiciavam que os alunos aprendessem uns com os outros.

No final da tarde de sábado, ocorria o catecismo, demonstrando, assim, que a formação religiosa era uma constante no dia a dia dos colégios. Enquanto o latim era a língua de cultura e o meio que permitiria ao aluno o contato com os textos antigos, o grego propiciaria a leitura das *Sagradas Escrituras*.

5. Considerações finais

Os colégios jesuíticos surgiram dentro do contexto de expansão do reino português, que visava a não somente aumentar seu domínio como também resgatar o público católico que havia se perdido no movimento protestantista. Para tanto, fez uso do ensino humanista sem deixar de lado a questão religiosa.

A educação jesuítica compreendia a formação completa do aluno, abarcando os aspectos intelectual e espiritual, visto que aquela sociedade compreendia a religiosidade como parte do ser social. Para tanto, a linguagem era vista como meio de expressão das potencialidades humanas.

Os jesuítas não fizeram o rompimento com a tradição gramatical latina, mas modificaram alguns aspectos com relação à aprendizagem de línguas. Por outro lado, deve-se mencionar que os colégios jesuíticos salientam a transição da Idade Média para o Renascimento.

Por fim, o ensino de línguas pautava-se prioritariamente no desenvolvimento de uma consciência metalingüística, por isso a utilização de uma gramática latina que unia *usus e ratio*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVARES, Manuel. *De Institutione Grammaticalibritres*. Lisboa: João Barreira, 1572.

CARDOSO, Simão. A gramática latina no séc. XVI: as <partes orationis> na gramática do P^e Manuel Álvares (1572) e na Minerva de Sanctius (1587). *Revista da Faculdade de Letras línguas e Literaturas*. v. 12, p. 159-72, Porto, 1995. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2703.pdf>.

CONSTITUIÇÕES *da Companhia de Jesus* e normas complementares. São Paulo: Loyola, 2004.

FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas: o Ratio Studiorum*. São Paulo: Kírión, 2019.

HANSEN, J. A. *Manuel da Nóbrega*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Massangana, 2010. (Coleção Educadores)

KOERNER, E. F. Konrad. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Trad. de Cristina Altman, Sónia Coelho, Susana Fontes, Rolf Kemmler *et al.* Braga: 2014.

LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo I. Tipografia Porto Médico, 1938.

LOPES, Janaina Fernanda de Oliveira. *As classes de gramática na Ratio Studiorum (1599) à luz da Historiografia Linguística*. Dissertação de mestrado em Estudos da Linguagem (UFF). Niterói, 2020. 122 f.

MIRANDA, Margarida. O Humanismo no Colégio de São Paulo (séc. XVI) e a tradição humanística europeia. *Humanitas*, n. 62, p. 243-63, Coimbra, 2010.

MIRANDA, Margarida. O Padre Manuel Álvares e a primeira gramática global. *Diocese do Funchal – A Primeira Diocese Global: História, Cultura e Espiritualidades*, v. 2, p. 505-13, Funchal: Esfera do Caos, 1995.

NAVARRO, Eduardo de A. O ensino da gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes de Coimbra no tempo de Anchieta. *Actas do*

Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998), v. 1, p. 385-406, Coimbra: Fundação Eng. António de Almeida, 2000.

STORCK, João Batista. Do *modus parisiensis* ao *Ratio Studiorum*: os jesuítas e a educação humanista no início da idade moderna. *Hist. Educ. [On-line]*, v. 20, n. 48, p. 139-158, jan./abr., 2016, Porto Alegre.

SWIGGERS, Pierre. História e Historiografia da Linguística: *Status*, Modelos e Classificações. *Eutomia*, v. 2, p. 1-17, 2010.

SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, n. 44-5, p. 1-21, Rio de Janeiro, 1º e 2º semestres de 2013.

SILVA TOYSHIMA, Ana Maria da; MONTAGNOLI, Gilmar Alves; COSTA, Célio Juvenal. Algumas considerações sobre o *Ratio Studiorum* e a organização da educação nos colégios jesuíticos. *Simpósio Internacional Processos Civilizadores*, 14, p. 1-10, 2012.